

Práticas e representações culturais do vaqueiro no Piauí

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety

As reflexões sobre a condição humana, a forma como queremos ser percebidos e percebemos o outro, se dá a partir de uma relação dialética embasada em critérios de aceitabilidade e negação, e configuram-se lugar-comum na história da humanidade. A constante busca do indivíduo por seus laços identitários e pelo sentido de si, tem gerado inúmeras polêmicas e conflitos no mundo atual, instigando pesquisadores e estudiosos a se debruçarem sobre exaustivos trabalhos de investigação concernentes à questão de identidade.

Desse modo, é nosso intento, neste trabalho, contribuir com as discussões que problematizam as posições de sujeito e de identidade no contexto do mundo contemporâneo, segundo o processo de formação e transformação ocorridos no interior dos sistemas que simbolicamente nomearam o mundo social do vaqueiro piauiense; e que, por conseguinte, provocaram uma sensação de pertencimento a um grupo social. O tempo histórico será focado entre os anos de 1960 e 2000, tempo em que as transformações tecnológicas e culturais assinalaram mudanças de comportamentos no seio das comunidades de vaqueiros em alguns municípios que serviram de cenário para a pesquisa. O interesse pelo tema Identidade cultural do vaqueiro no Piauí está, no primeiro momento, relacionada a uma imagem tradicional do vaqueiro que faz parte da paisagem da minha infância. Sendo neta de vaqueiro, marcou em mim o estereótipo que, hoje, vejo diferentemente do que eu aprendi identificar como "o vaqueiro". Certamente que junto às "razões pessoais" que foram se formando e enriquecidas por uma experiência de vida que tive junto a um velho vaqueiro, meu avô, existem outros interesses que me motivaram trabalhar com O tema, entre estes, encontra-se a importância social que o vaqueiro parece ter despertado para uma construção de uma "identidade cultural piauiense".

O pressuposto para a compreensão da construção de uma identidade cultural do vaqueiro é pautado no estudo das diversas práticas, discursos e representações que classificaram e organizaram a sua realidade social. O enfoque das representações sociais

nos permitirá avaliar aspectos da suposta identidade do vaqueiro vinculados ao mundo de vivência e experiências com a criação do gado no Piauí, além das credices e superstições que povoam o imaginário do vaqueiro e do grupo social ao qual pertence. Este último aspecto pode ser detectado também na literatura piauiense. Fontes Ibiapina nos revela isso em *Credices, Superstições e Curiosidades Verídicas do Piauí* (1993, p.7). No mundo mágico do vaqueiro a segunda-feira, por exemplo, é considerada como um dia aziago para campear.

Tudo ficou combinado Pra um
dia de terça-feira Pois a
segunda é das almas, Nunca foi
de brincadeira ...

Não se deve campear Nem uma
rês de bicheira

Numa abordagem psicológica, as representações sociais que estruturam o mundo social, propondo novos valores e legitimando novos comportamentos, dão ênfase tanto a símbolos relacionados à lógica do intelecto quanto aos símbolos próprios da lógica das emoções.

De acordo com Celso Pereira (1996, p.33),

[...] as representações compreendem idéias e crenças que são gerais e as relacionam a práticas ou realidades que não são. Além disso, talvez seja legítimo concebê-las e apresentá-las como uma ciência ou uma religião.

A definição da identidade cultural dos vaqueiros piauienses que permite situá-los num campo social, de acordo com certas normas e valores historicamente construídos, centrá-se em representações sociais de natureza muito diversas, associadas a vários temas inseridos em sistema de valores, processos cognitivos e fatores afetivos.

Segundo Denise Jodelet, em citação feita por Celso Pereira de Sá (1996 p. 37),

[...] representação social é uma forma de saber prático que liga um sujeito a um objeto. Com relação ao objeto, que pode ser de natureza social, material ou ideal, a representação se encontra em uma relação de simbolização (está no seu lugar) e de interpretação (confere-lhe significado).

Fica claro, nas falas dos vaqueiros entrevistados, na primeira etapa da investigação, a constituição de uma imagem vinculada às representações sociais de natureza afetivo-emocional que traduzem um mundo interior repleto de fantasias, ilusões e credices. Os relatos com os quais nos deparamos evidenciavam atitudes e valores que deram sentido à existência do vaqueiro em tempos remotos e ainda permanecem internalizados, configurando-se elemento determinante da identidade desses sujeitos sociais.

As práticas de curar no rastro do boi, com embira de mororó, rituais para fazer com que bezerros se tornem bravos e velozes; crenças em bois encantados, fazem reconhecer uma identidade do vaqueiro piauiense, assegurando-lhe um modo específico de estar no mundo.

Chartier (2002, p.21), privilegiando os níveis de análise da História Cultural, argumenta que "as representações têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não existe a não ser no signo que a exhibe".

Destarte procuramos entender como esses sujeitos se colocam em termos de suas identidades culturais. Se há de fato algo como uma cultura do vaqueiro que defina todos os vaqueiros em contraposição a não-vaqueiros. E, finalmente, se é possível ter-se um sentimento de identidade coerente e homogêneo no grupo de vaqueiros piauienses.

A partir deste ponto, buscamos entender o sentido do termo identidade e concordamos com Stuart Hall (2005, p.13) . quando afirma que "identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação". E esclarece ainda que:

A medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.

Pensar a identidade do vaqueiro no campo da cultura, analisar como este se vê culturalmente e como é visto pelos outros requer de antemão melhor compreensão acerca de alguns conceitos, como o de cultura, por exemplo.

Sobre o conceito de cultura, Roque de Barros Laraia (2005, p.63) interpretando estudos de David Scheider e Clifford Geertz define cultura como

[...] um sistema de símbolos e significados, que compreende categorias ou unidades e regras sobre relações e modos de comportamento, que a finalidade da Antropologia é buscar "interpretações".

Neste estudo pretende-se alcançar a interdisciplinaridade, todavia o seu eixo central se apóia na Antropologia Cultural. Assim, à luz desta disciplina, procura-se interpretar as posições de identidade do vaqueiro piauiense. A tarefa é complexa, tendo em vista ser a identidade um processo de construção simbólica e o sentido desses símbolos serem processados por indivíduos e grupos sociais que organizam e reorganizam seus sentidos em função de tendências sociais, projetos culturais.

No dizer de Manuel Castells (1999, p. 23)

[...] a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelação de cunho religioso.

Nesta perspectiva, a identidade do vaqueiro, associada a elementos intrapsíquicos, resulta em um comportamento que formata a imagem de um homem forte, bravo, de inquestionável coragem e força para vencer as adversidades de uma vida hostil; homem que tem por costume campear montado em cavalos, de comer carne seca com pirão de leite e que ao pensar em lazer lembra-se das vaquejadas, das "conquistas", de bois etc. Poderemos afirmar, contudo, se essas formas de representação são necessariamente do mundo do vaqueiro?

Stuart Hall (2002, p. 62) afirma que

[...] a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Com efeito, as transformações associadas à modernidade; às mudanças nos padrões de produção e consumo que culminaram com o fenômeno da globalização,

acelerando o processo de integração mundial da cultura, colocando em xeque a existência de um "centro" determinado que produza identidades fixas, unificadas.

Portanto, a imagem do vaqueiro construída por nós a partir das histórias ouvidas e das experiências vividas no município de Oeiras (PI), imagens que ainda permanecem em nossa memória, e com as quais aprendemos a identificar a figura do vaqueiro aquele homem que aboiava e conduzia as "reses" campo a fora, montado em cavalos, trajando terno de couro, perneiras, peitoral, chinelos e chapéu também em couro, com chicote sempre em punho e acompanhado pelo amigo e indispensável cachorro. Hoje, observamos que essas imagens não condizem com as re-presentações contemporâneas, que evidenciam o vaqueiro "montado" em motocicletas "tocando" o rebanho.

Embora essas representações possam estar tão-somente relacionadas às transformações no modus operandi, o estudo a respeito irá nos possibilitar uma reflexão mais minuciosa sobre o que está deslocando certos aspectos do comportamento do vaqueiro, associado aos velhos costumes. E, sobretudo, como devemos interpretar a memória local nesta relação paradoxal existente entre as práticas tradicionais e a necessidade de estar em dia com os frutos da modernização.

Vale ressaltar que a produção de identidades passa também pela compreensão de outros elementos fundantes, como o estudo da memória.

De acordo com Astor Antônio (2002, p. 117)

[...] a memória está intimamente ligada às tradições familiares, grupos com suas idiossincrasias peculiares. E argumenta que nesse nível ela representa possibilidades de aprendizagem e de socialização expressando assim continuidade e identidade daquelas tradições.

Todavia, não é propósito deste trabalho analisar as práticas e representações socioculturais do vaqueiro piauiense sob o ponto de vista dos tradicionalistas, cujas preocupações estão centradas apenas em delimitar fronteiras culturais. Não pretendemos, portanto, focar a tradição como a verdadeira história do vaqueiro no Piauí. Iremos nos apropriar do conceito de costumes empregado por Eric Hobsbawn (1997, p. 10),

O costume, não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, diferentemente da tradição que é invariabilidade, onde o passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas.

A memória se coloca como elemento constituinte do sentimento de identidade, pela sua importância no sentimento de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo na construção de si.

Neste sentido, as lembranças do vaqueiro Raimundo Meireles (2005) (residente na fazenda "Salgado", localizada no município de José de Freitas), ligadas à construção de sua identidade, reconstitui velhas práticas do cotidiano do vaqueiro no Piauí, relacionadas às conquistas de bois e à importância de um bom cavalo para desempenho de tal função.

Eu lembro uma vez eu tava aqui, meio-dia, uma hora em outubro.

Quando papai disse:

-Raimundo, vê se a gente pega aquele "boinho".

- Eu botei a sela no cavalo e saí, era meio-dia,

quando nós "peitamos" no boi acolá, aí eu dei uma carreirinha nele.

- Eu disse a meu pai, eu só quero dez braças para eu pegar este boi. - Aí, quando foi 5h da tarde ele desceu bem aí desta serra, aí me juntei com ele, mas o boi era ligeiro mesmo, ele pulou a moita e o cavalo pulou junto com ele. No outro lado o cavalo pisou nos "machinhos" dele, aí esse boi se endoidou num mororó, mas eu nunca me esqueci, parecia um peixe dentro d'água. Mas quando ele subiu o galho de pau que descia, o cavalo empurrava a ele aqui, mais ou menos, naquela casinha ali. Lá ele deitou na mão do cavalo porque não agüentava mais o solavanco. Aí eu peguei, mas é porque eu confiava no cavalo. O cavalo era bom mesmo.

Convém salientar que a relação com o passado, feita através da faculdade da memória, possibilita a compreensão do processo de formação identitária, bem como a "reconstituição" dos comportamentos, valores e sensibilidades de uma época. Corno

escreve Lucília de Almeida Neves (2002, p. 110), "o ato de lembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades constituídas na dinâmica da história".

O trabalho com entrevistas realizado com vaqueiros de gerações diferentes, residentes nos municípios de Oeiras, Campo Maior, União e José de Freitas, localizados no estado do Piauí, mostram que as fontes orais são importantes no sentido de preencher espaços da história cultural do vaqueiro. E de modo especial nos possibilitou fazer uma leitura diferenciada da imagem do vaqueiro referente às subjetividades, emoções, virtudes e vícios.

As reminiscências desses atores sociais permitiram-nos captar informações que foram bastante esclarecedoras no que concerne à identificação do vaqueiro piauiense. Nos depoimentos, observamos a exaltação de uma identidade associada ao desejo de ser homem bravo, destemido, "encapetado". Representações com as quais os vaqueiros projetavam em si mesmos atributos, virtudes que faziam parte do mundo imaginário de superstições e credices. Observem a narrativa do Sr. Alfredo (2005), vaqueiro de 70 anos de idade, residente no município de Campo Maior:

O povo achava que eu era "encaborjado" quando eu ia campear. Não dava para ninguém, não! Quando eu chegava lá, demorava pouco, eu já tinha peado o boi e jogado no mato!

A narrativa do Sr. Alfredo revela um desejo, um sonho de ser o melhor, o mais valente e destemido, que pode ser visto pelos outros como o "encaborjado", o homem encantado, misterioso, dotado de força e coragem sobrenatural própria dos semideuses gregos.

Todavia, não compete a nós, historiadores, que utilizamos a metodologia da História oral, avaliarmos essas narrativas no sentido de defini-las como falsas ou verdadeiras. "A diferença da fonte oral encontra-se no fato de que os depoimentos não verdadeiros são psicologicamente verdadeiros e que esses 'erros' às vezes revelam mais dados que o relato exato", afirma Alessandro Portelli, citado por Sônia Freitas (2002, p.72).

Sobre as fantasias das pessoas, Paul Thompson (2002) argumenta que

[...] inventar um passado imaginário, que deve ter acontecido, é uma forma de preservar suas crenças e sua ideologia; e que subjetividade é de fato a única força da História, pois aquilo que o depoente acredita é, para ele, mais importante do que aquilo que realmente aconteceu.

Nosso interesse é mais do que registrar as formas de representações e as práticas do vaqueiro piauiense. E a partir delas poder entender, através da memória coletiva e individual, as transformações do processo de identificação do vaqueiro piauiense, não pensando no desaparecimento dos signos culturais, mas questionando a identidade cultural destes atores sociais, num contexto de novos canais de comunicação em tempo e espaço delimitados, e como estes sujeitos se ressignificaram. Propomo-nos, portanto, investigar as práticas sócio-culturais de indivíduos que se dedicaram à labuta com gado em tempos remotos, cujas lembranças evidenciam costumes e regras que revelam indícios do que era ser vaqueiro no Piauí, num cenário marcado por representações distintas do contexto atual; representações que aparecem como sustentáculo e afirmação de uma identidade e de um modo de vida. Intencionamos enfatizar os processos envolvidos na produção de significados, por meio de sistemas representacionais, de uma suposta identidade cultural do vaqueiro piauiense, problematizando a questão da identidade e do sujeito quando as fronteiras geográficas se diluem, quando o que todos desejamos é estar em dia com os frutos da modernidade, encontrando-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto-transformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaçando destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. Como argumenta Berman (2002, p.IS), “De todas as coisas que me atraem nenhuma toca o meu coração todas juntas perturbem meus sentidos, de modo a fazer que eu esqueça o que sou e qual meu lugar”.

Nesse contexto, procuramos entender como os vaqueiros se posicionam em termos de suas identidades culturais. Se podemos pensar em imagens identitárias que possam abranger toda a comunicação de vaqueiros no Estado do Piauí.

Muitas vezes a imagem do vaqueiro piauiense foi retratada pela literatura e historiografia como figura simbólica da economia pecuarista dos sertões, associada à qualidade que todo homem vaqueiro deve possuir: ser honesto, forte, ingênuo, corajoso

e possuir habilidades para viver em terra agreste e desempenhar suas obrigações com bravura e heroísmo. Essas imagens tradicionais que foram historicamente construídas fazem parte de uma lógica de inclusão e pertencimento a uma comunidade. A imagem do vaqueiro ora rude, ora ingênua e crédula faz parte de uma identidade que foi forjada através dos discursos históricos e literários e que ficaram internalizadas em suas mentes, todas colocadas ali como modelos identitários. Entretanto, o que ele realmente gostaria de ser a visão dos outros corresponde a esta imagem tradicional? Será que os discursos literário e historiográfico enunciam "verdades" sobre o vaqueiro que ele próprio desconhece? Neste sentido, vale ressaltar a máxima do discurso antropológico, segundo o qual as pessoas são! Os pesquisadores é que criam identidades. Em outras palavras, as pessoas vivem as questões microssociais do dia-a-dia sem preocupar-se com o que são. As identidades são atribuídas através da fala e do olhar do outro.

No mundo atual não se pode pensar em cultura como algo em que as pessoas em determinada sociedade e ou comunidade têm ou são comuns em oposição a outros povos, outros grupos e lugares. Nos estudos antropológicos mais recentes a visão de mundo como um mosaico cultural, no qual as identidades culturais são bem definidas, se dissipou. Hoje, o que vemos é a oferta de múltiplos modelos e padrões de identidades. Há tanta diversidade dentro de cada sociedade que não podemos mais afirmar que o sujeito sobre o qual investigamos possua de fato uma identidade cultural única, fixa.

Pensar na cultura como modo de vida de um povo, modo de pensar e agir de determinados grupos sociais no mundo atual ou mesmo em tempos remotos, parece-me uma visão simplista. De acordo com Gordon Mathews (2002, p. 17),

[...] a idéia de culturas distintas, separadas, formando um modo de vida de um povo coerente sempre foi, até certo ponto, um mito antropológico. E acrescenta: Os antropólogos nunca foram realmente capazes de entender "o modo de vida" dos povos que estudam em qualquer sentido objetivo: eles o imaginam, inventam, descrevendo-o em maneiras convencionalizadas para satisfazer as expectativas de seus públicos.

O contato entre diferentes culturas possibilita a relação com "o outro", cujas estruturas de significação divergem da nossa. Desse modo a noção de cultura deve ser

(re)pensada e (re)estruturada considerando nova organização da sociedade. Nesse sentido Clifford Geertz desenvolve um conceito semiótico de cultura que a define como teia de significados contidos no cotidiano de cada sociedade e analisa

[...] a cultura como uma adivinhação dos significados, avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjunturas e a descoberta do continente dos significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea.

Trata-se de interpretar uma cultura de acordo com o modo de pensar as significações de mundo, no qual o sujeito está inserido. Os elementos de uma cultura formatam a história de um povo que através de uma análise dos acontecimentos e das vivências coletivas criam símbolos, dando sentido à identidade, suscitando sentimento de pertencimento a uma comunicação em oposição a outros.

Alguns antropólogos afirmam que a diferença entre os homens não devem ser analisadas sob o ponto de vista dos fatores biológicos, nem tampouco do meio. O que torna o homem diferente dos outros animais é a cultura e é por meio dela que o homem se expressa no tempo e no espaço. E é através de um processo de transformação cultural que as identidades se modificam

Stuart Hall (2005, p.15) argumenta que "a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade" e acrescenta que

cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que cada cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Definindo cultura como sistemas partilhados de significação.

Pensar a identidade do vaqueiro no âmbito da cultura, como este se entende culturalmente e como é identificado pelo outro' configura-se propósito primeiro deste capítulo.

A identidade, na percepção de Anthony Giddens, citado por Gordon Mathew (2002, p.47), "é como o perene sentido que o eu tem de quem é na medida em que está

condicionado devido às suas contínuas interações com outras pessoas. Identidade é como o eu se concebe e se rotula".

O processo de identificação de indivíduos ou grupos sociais é inerente à diferença, a alteridade como um dos aspectos primordiais para a construção da identidade. É na diferença que se constrói a identidade.

Segundo Hall (2000, p.54) a “marcação da diferença é a base da cultura porque as coisas e as pessoas ganham sentido por meio da atribuição de diferentes em um sistema classificatório”.

Todavia a identidade e a diferença não podem ser analisadas à margem dos sistemas de significação. A identidade do vaqueiro não pode ser compreendida fora de um processo de produção simbólico, que classifica o mundo social. O ser vaqueiro no Piauí não é fruto de um processo naturalizado, porém construído através dos diversos discursos literários e historiográficos, e que aqui serão cotejados com fontes orais a fim de possibilitar melhor entendimento acerca da auto-imagem construída pelo vaqueiro e como a identidade do vaqueiro é preenchida a partir do olhar do outro.

A imagem do vaqueiro construída através do olhar do outro

Com base na metodologia da História Oral, através da técnica de entrevistas realizada com pessoas inseridas na rede de sociabilidade do vaqueiro - pais, esposas, filhos, netos etc., buscamos analisar o processo de identificação destes sujeitos sociais.

Nessa perspectiva, Stuart Hall (2005, p. 13) escreve que

[...] a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é preenchida a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Assim, a História Oral toma-se mecanismo valioso no processo de releitura da identidade cultural do vaqueiro, oportunizando a manifestação de variadas versões concernentes ao "ser vaqueiro" no Piauí.

A narrativa do Sr. Antônio Ferreira de Melo Neto (2006), filho e neto de vaqueiros residentes no município de União, através das lembranças reconstitui suas experiências de infância vivida com o pai e com o avô, expressando contentamento ímpar em ter praticado as atividades de vaqueiro no passado, o que lhe permitiu construir uma imagem do avô/ pai à qual vincula as qualidades de heroísmo e valentia:

Eu acompanhei desde pequeno a vida de meu pai, a gente ajudava, botava o cavalo na capoeira, dava banho, às vezes pegava uma vaca para botar no curral. Eu também acompanhava meu avô quando ele passou a ser vaqueiro de animal e vaqueiro de animal precisa de ajuda ... Meu avô nunca teve dificuldade para pegar animal, quando chegava no campo com ele de longe avistava o animal, era só bater na sela com as pernas e o animal se aproximava.

Em suas lembranças, refere-se sempre à participação da mãe nas atividades cotidianas do trabalho com o gado:

Minha mãe ajudava muito, mamãe fazia todo serviço, ela só não pegava o gado, mas botava o gado no curral, tirava o leite, carregava a água para o garrote. Outras vezes ficava puxando a água no poço, ela ajudava o papai. Hoje ele deixou de ser vaqueiro, mas nunca deixou o movimento de vaqueiro.

A mulher (mãe, esposa e filha) no jogo dialético de construção identitária do vaqueiro, muitas vezes se identifica com o ofício do marido.

Celi de Castro, dona de casa residente no município de União, vive numa fazenda que herdou do pai a aproximadamente 12 quilômetros da cidade, mãe do vaqueiro Antônio de Pádua (também filho de vaqueiro) em meio aos seus afazeres domésticos - durante a entrevista que fizemos com seu filho, nos revelou que seu sonho era ser vaqueiro.

De tanto eu ver o papai labutando com gado, não posso vê um boi passar aqui na porta que eu venho olhar ... Eu gostava de vaquejada, do aboio, essas cantorias que tem de vaqueiro gosto de assistir, acho bonito a derruba do gado.

Após um trabalho considerável de investigação acerca do processo de identificação da comunidade de vaqueiros piauienses, fomentada na análise das formas

de representação e práticas culturais, constatamos que não devemos pensar em desagregação identitária desses sujeitos, mas em multiplicidade e pluralidade de identidades que se formaram por meio de influências de novos códigos culturais, através da oferta de identidades diferentes. Nesse sentido, as identidades culturais estão sendo substituídas por novas identidades híbridas. O que existe hoje é uma heterogenia daquilo que se imaginava coerente em si mesmo. O resultado do estudo dá a ver que, na comunidade de vaqueiros piauienses, os costumes antigos que caracterizavam e traduziam o universo sociocultural desse grupo social tornaram-se móveis, transformados continuamente em relação as formas através das quais eram representados ou interpelados nos sistemas culturais em que estavam inseridos.